

# Cultura

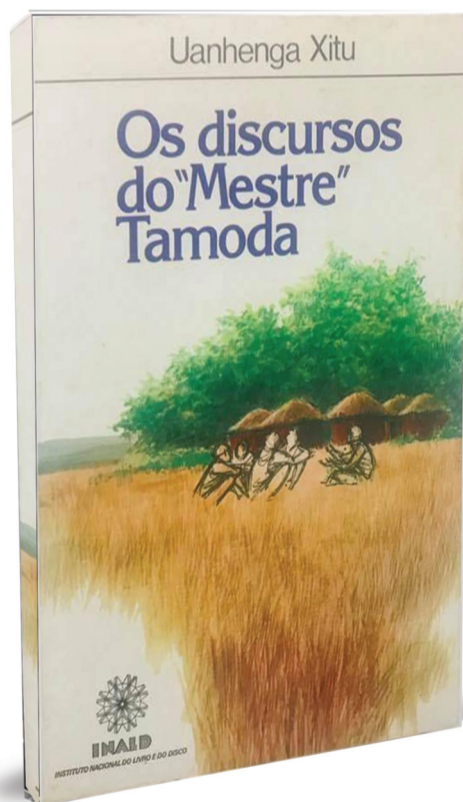
Jornal Angolano de Artes e Letras

9 a 21 de Outubro de 2019 | Nº 191 | Ano VIII • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

Pág. 4-6 **LETRAS**

## Literatura e política nos textos de Uanhenga Xitu



**ARTES** (Pág. 8-9)



**Paulo Kussy:  
o nu absoluto**

**DIÁLOGO INTECULTURAL** (Pág. 11-12)



**Estocolmo  
celebra  
minorias  
sexuais**

**NAVEGAÇÕES** (Pág. 14)

**Okilembu  
(alembamento)**



## Poema de T. P. Wilkinson



### Aromas de Presença

(para HOMENS com mais de 40 anos)

Pequenas passagens,  
corredores estreitos,  
dor acumulada.  
Rios que correm,  
montanhas secando,  
chuva em longa espera.  
No meio das pedras,  
entre as árvores  
um peixe encalhado  
procura o mar.

Canais expandindo-se,  
ondas mais largas  
carregando velas suaves.  
Mensagens curtas  
pensamento explodindo  
correio sem censura  
entre as mãos  
de quem nós amamos,  
um prato cheio de frutas  
vendo sorrisos partilhados.

T.P. Wilkinson escreve, ensina História e Inglês, dirige teatro e é treinador de críquete entre os berços de Heine e Saramago. Também é autor de Trajes de Igrejas, Terra, Missão e o Fim do Apartheid na África do Sul.



## Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

### Propriedade



**Sede:** Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda  
**Redacção:** 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344  
**Fax:** 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola  
**E-mail:** ednovembro.dg@nexus.ao

### Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

### Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,  
José Alberto Domingos, Rui André  
Marques Upalavela, Luena Kassonde  
Ross Guinapo

### Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças  
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

# Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 189/Ano VIII/ 8 a 21 de Outubro de 2019  
**E-mail:** cultura.angolana@gmail.com  
**site:** www.jornalcultura.sapo.ao  
**Telefone e Fax:** 222 01 82 84

### CONSELHO EDITORIAL

#### Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

#### Editor:

Gaspar Micolo

#### Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),  
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa  
e Waldemar Jorge

**Edição online:** Adão de Sousa

#### Colaboram neste número:

**Angola:** António Gonçalves, Imanni Silva, Laurindo Vieira,  
Leonel Cosme, Luamba Muinga, Mário Pereira

**Moçambique:** Mauro de Brito

**Inglaterra:** T. P. Wilkinson

#### FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha,  
Correio da Unesco, Modo de USAR & CO,  
Obvious Magazine e Engenharia é.

# Para Ti, Agostinho Neto, com a saudade de sempre...



Agostinho Neto, um intelectual orgânico



LAURINDO VIEIRA

No silêncio dos gritos lancinantes de dor, almas perdidas gemem na aurora matinal do sofrimento. São mulheres que passam, enquanto nos hospitais, mães desesperam pela morte prematura dos filhos, perante o olhar incrédulo de médicos que nada ou pouco podem fazer porque a escassez de bens hospitalares só é comparável com a opulência dos que têm...

Perdi a esperança no amanhã...

Ao contrário de ti cujas «mãos colocaram pedras nos alicerces do mundo», outros retiraram dos mesmos alicerces, todas as pedras que algum dia foram colocadas...e ainda reclamam que «merecem o seu pedaço de pão».

Apesar de termos aprendido a chorar com os «olhos secos», já não acreditamos que a nossa «esperança ainda seja sagrada». A descrença tomou conta de muitos de nós e a «vida matou em mim esta mística esperança». «Eu já não espero», mas também não «sou aquele por quem se espera».

Nos escombros da vida, alguns ainda acreditam no sonho que dá sentido

a vida, enquanto outros, incrédulos com a tragédia que sobre nós se abate, já não têm esperanças... mas há os outros que continuam a entoar hinos de grandeza à Pátria.

Apesar de tudo, embora descalços e famintos, continuamos a esperar, mas já sem os eus da revolta, porque outros sucumbiram às doçuras da vida, contudo, «ninguém nos fará calar/ninguém nos poderá impedir/..... ./Vamos com toda a Humanidade/conquistar o nosso mundo e a nossa Paz».

Quero que saibas que sinto-me vergastado pelo peso da cobardia e vivo travestido dos sintomas de incompetência que teimam em aceitar as novas tragédias deste tempo, por isso, caminho sem rumo ao encontro da história.

Sou um cobarde nas catacumbas da história onde perecem e apodrecem vidas descontínuas. Sou um escolho entre muitos escolhos, um nada na completude de outros nadas e na podridão desta vida...

Se ontem fomos «as crianças nuas das sanzalas do mato, os garotos sem escola a jogar a bola de trapos nos areais ao meio dia», hoje não me perguntes quem somos, apenas sei, que tal como ontem, continuamos «abandonados ao ritmo dum batuque de morte, teus filhos com fome, com sede, com vergonha de te chamarmos Mãe, com medo dos homens, nós mesmos».

Apesar de todo o progresso, da liberdade conquistada e do quebrar das

grilhetas que nos oprimiam, ainda vivemos da ansiedade sentida nos barulhos/ e no cheiro a bebidas alcoólicas/ espalhadas no ar/ com gritos de dor e alegria/ misturados em estranha orquestração».

Tiveste razão quando um dia afirmaste, que «não era isto/ que nós queríamos, bem sei». Pois, também nós o sabemos, que não era isto o que nós queríamos. Apesar de toda a tragédia que sobre nós se abate, em nós ainda «ferve o desejo de fazer o esforço supremo para que cada homem renasça em cada homem e a esperança não se torne em lamentos da multidão».

«Contra o dilema de hoje, viver submisso ou perseguido são os nossos dias de sacrifício pela audácia, pelo direito de viver pensando, viver agindo, livremente humanamente».

Feliz foste Tu que soubeste ser «um dia em noite escura», porque tiveste o condão de iluminar o mundo, apesar de teres sido «uma expressão da saudade». Se ao menos tivéssemos sido uma noite clara em dia escuro teríamos sido felizes, mas nem isso conseguimos ser, mas continuaremos a resistir porque «não será sobre a sepultura/ que as nossas lágrimas derramadas cairão/ será na alegria do grande abraço/ ao festejarmos o ressurgimento». Por isso, vamos continuar a construir «neste amanhecer vital/para os acontecimentos extraordinários/por montes e rios, por anharas e preconceitos/ e nas tragé-

dias dos homens que se embebedam e no pranto das mulheres que há muito aprenderam a «chorar com os olhos secos» vamos buscar a força para continuar a caminhar, embora sem norte, porque no nosso caminho «não há luz, não há estrelas no céu escuro. Tudo na terra é sombra». Também continuamos a acreditar na força do vento, nos mistérios da natureza e na seiva que brota da chuva para alegrar a vida dos camponeses.

Embora muitos queiram impedir a força da natureza, ainda acreditamos que «ninguém impedirá a chuva», porque é vasta a esperança e a força plantada nos corações deste povo...

Os tempos agora são outros, são tempos diferentes daqueles em que dizias: «não me exijas glórias/ que ainda transpiro / os ais/ dos feridos nas batalhas», hoje há quem exija glórias mesmo sem nunca ter transpirado «os ais dos feridos nas batalhas».

Os tempos agora são outros, ditados pela modernidade, tal como ontem eu também «gostava de estar sentado/ num banco do Kinaxixi/ às seis horas duma tarde muito quente/ e ficar...» pensando na insensibilidade dos homens e das mulheres do nosso tempo, na utopia dos que sabem da existência desta podridão mas insistem em aplaudir discursos travestidos...ah santa hipocrisia, como foste capaz de fazer morada nestas paragens!..

Escrito em Set./ 2016

ANTÓNIO  
GONÇALVES

## 1. INTRODUÇÃO

Em 1924, quando nasceu UanhengaXitu (Agostinho André Mendes de Carvalho) haviam passado apenas dois anos sobre os acontecimentos de Mutemu, região de Icolo e Bengo onde um grupo dos chamados indígenas apresentou pacificamente um manifesto ao administrador do conselho, rebelando-se contra a partida para desterro em São Tomé e Príncipe e dos maus tratos a que estava sujeita a população local. Em resposta, Norton de Matos, Alto-comissário de Portugal em Angola, mandou dizimar os revoltosos e alguns deles acabaram por ser deportados para Portugal. Nos anais da História de Angola, os acontecimentos descritos estão classificados como a Revolta de Catete.

UanhengaXitu aprendeu as histórias de resistência e luta do povo angolano através dos mais velhos com quem confabulava ao longo da sua infância e juventude. Sobre o seu aprendizado na Zemba, o jurista, ensaísta e cronista Chicoadão comenta o seguinte: “eram ensinados por mais velhos maiores de 60 anos profundos conhecimentos da língua nacional quim-

bundo e os fundamentos de toda a ordem antropocultural e antroposseimiótica (...)”

Essa geração, da qual fazem parte UanhengaXitu e Agostinho Neto que nasceu em 1922, teve uma educação virada para a defesa da riqueza cultural acumulada de gerações, aliada à preparação psicológica para enfrentar com dignidade e coragem todas as vicissitudes da vida.

Com estas premissas é possível perscrutar a alma de UanhengaXitu ou, pelo menos, aproximarmo-nos do ambiente sócio cultural do qual emergiu o escritor.

2.O ENIGMÁTICO  
HOMEM DA QUI-  
JINGA

Muito se tem dito sobre a personalidade cati-

# Literatura e política nos textos de UanhengaXitu



*O Ministro navega entre a autobiografia, a sátira política e alguma ficção à mistura, tornou-se de alguma forma viral, ao converter-se no texto mais polémico do autor*



vante de UanhengaXitu, um artista de primeira água que soube combinar com elegância a sua condição de homem do povo, enfermeiro, político, escritor, membro do Governo, embaixador e de Deputado à Assembleia Nacional.

Tentaremos trazer a liça os aspectos, relevantes que o tornam num dos escritores mais representativo da década de 70, 80 e 90.

Desde logo há que destacar a sua capacidade criativa, a originalidade e destreza na forma como constrói quer as suas narrativas como as personagens marcantes dos seus livros.

Esta arte que o torna singular fez-nos deleitar-nos com *Manana* (1974), *Bola com feitiço* (1974), *Mestre Tamoda* (1974), *Vozes na Sanzala - Kahitu* (1976), *Mestre Tamoda* e outros *Contos* (reunião de contos) 1977, *Ma-ka na Sanzala - Mafuta* (1979), e ainda os *Discursos do Mestre Tamoda* (1984). Enquanto que os textos com

maior incidência política são: *O meu Discurso* (1974), *Mungo - Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem* (1980), *O Ministro* (1990) e *Cultos Especiais* (1997).

Nas suas obras o tratamento que é dado à magia negra (feitiço) remete-nos para alguém conhecedor desses meandros. É por demais conhecido o secretismo que envolve este tipo de práticas mediúnicas ou espirituais de tal ordem que só as pessoas “iniciadas” têm acesso à informações privilegiadas sobre a matéria. Óscar Ribas um “mestre” neste domínio manifestou as dificuldades que encontrou para obter dos kimbandas, videntes ou médiuns, segredos no âmbito das pesquisas que realizava para dar corpo aos seus textos. É portanto de se louvar a perspicácia de UanhengaXitu ao trazer para posteridade conhecimentos pertinentes do mundo das Ciências Espíritas e da Mística Africana, plasmados nos livros *Manana*, *Bola com Feitiço* e *Mafuta*, práticas que ainda são vivenciadas em África e não só.

A Curiosidade na abordagem desta temática já havia sido motivo de interesse de Óscar Ribas, em grande parte da sua produção, e de António de Assis Júnior no romance *O Segredo da Morta*. Recentemente escritores como Jacinto de Lemos, TchikakataMbalundu, NdaLussolo e Albino Carlos manifestaram o mesmo tipo de preocupações na escrita que deles demanda.

3.A PROEMINÊNCIA  
DO TEXTO POLÍTICO

Sobre a brochura “O Meu Discurso”



que constitui exactamente o primeiro discurso político do autor valeu pelo momento oportuno em que foi proferido para além da pertinência do seu conteúdo. No meio de alguma incerteza foi decisivo o facto do autor assumir um caminho para Angola dizendo ao mundo que era inequivocamente o da independência total e completa e que os angolanos estavam preparados para governar o país.

O facto do autor iniciar o ser percurso como escritor já com meio século de vida terá influenciado quer nos temas que abordou assim como o domínio dos mesmos.

Os textos de propensão para a política fazem parte maioritariamente da última fase de criação do autor, Mungo – Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem, um testemunho marcante que denuncia precariedade da vida que estavam sujeitas as populações nesta parte do sul de Angola (Huambo).

O Ministro navega entre a autobiografia, a sátira política e alguma ficção à mistura. Sobre este livro não podemos deixar de manifestar a nossa grata surpresa pela incursão que o autor fez como ensaísta, emprestando a sua pena para tratar de um assunto polémico e por isso mesmo pouco discutido entre nós que é o racismo. Grande parte dos dirigentes

do partido da situação evitam pronunciar-se sobre esse fenómeno. Ocorre-nos citar Deolinda Rodrigues de Almeida no seu Diário, ela também originária de Icolo e Bengo tal como o nosso homenageado.

UanhengaXitu fez uma merecida homenagem ao Cónego Joaquim Manuel Nunes das Neves figura incontornável do Nacionalismo Angolano Moderno, mentor ideológico da rebelião de 4 de Fevereiro de 1961 em Luanda que se propagou para outras regiões culminando com o 15 de Março igualmente de 1961. Essas duas datas, a que acrescentaremos o 4 de Janeiro do mesmo ano (A revolta da baixa de Kassanje em Malange) são marcos que representam o mesmo objectivo: a tomada de consciência dos Angolanos e um aviso à comunidade Internacional de que havia sido colocado um “basta” à passividade, perante o regime colonial Português. Por isso mesmo em nosso modesto entender deveriam ser celebradas Jornadas anuais em homenagem às revoltas e rebeliões em Angola conglomerando as três datas citadas.

Dizíamos a pouco que O Ministro tornou-se de alguma forma viral, ao converter-se no texto mais polémico do autor. No entanto reputamos que o texto “Cultos Especiais” sobretudo na parte final, posfácio intitulado Ponto

Prévio, Senhor Presidente como o manifesto político de UanhengaXitu.

A primeira parte de Cultos Especiais alerta-nos para relação que o autor vivenciou com a Igreja Metodista. Consideramos de alguma forma estranha que essa relação tenha sido tratada apenas nesse livro embora a Igreja como entidade sacramental tenha sido citada também em Bola com Feitiço. É possível que neste caso o peso da opção ideológica do seu partido tenha “falado mais alto” e influenciado na escolha de certas temáticas. Fazemos essa leitura porque sabemos que “O Mestre” nunca abdicou da sua fé de tal forma que mesmo quando a sua organização política se transformou em partido de trabalho (Optando naturalmente para a ideologia Marxista-Leninista) o cidadão UanhengaXitu manteve a sua verticalidade assistindo aos cultos nos domingos.

Regressando ao Ponto Prévio, Senhor Presidente, no seu jeito extrovertido mistura assuntos de extrema seriedade com anedotas, demonstrando um grande domínio da sátira como sua forma peculiar de expressão. Toca em questões pertinentes outras sensíveis mas que se mantêm na actualidade. Dir-se-ia que apesar da ausência física as suas ideias continuam imortais desafiando o tempo comuns dos homens ou o tempo dos homens comuns para projectar-se à posteridade. É da lavra do autor o seguinte: “Presidente é Presidente de todos os cidadãos da nação que bem ou mal procuram preservar-lhe o devido respeito, o sossego dedicar-lhe uma grande atenção, carinho e cuidado para bem dirigir os destinos da nação. Não deve esse povo olhar silencioso o andar do carrossel de actos negativos de uns pouquinhos à beira ou longe do chefe em prejuízo da maioria?”.

É crível que se referia à governação anterior caracterizada por um servilismo doentio e endeusamento da figura do chefe. UanhengaXitu era a excepção à regra um mais velho que ousava colocar o dedo na ferida. Sabia que as suas críticas não eram bem vistas e assim considerou: “se as críticas são ou não construtivas, prejudiciais demolidoras não cabem a quem as fez, a sua análise ou classificação é para quem são dirigidas: que mais vezes são feitas no bom sentido e com boas intenções e traduzidas malevolamente”.

Num momento de júbilo, felicita o programa Livro de Reclamações da Rádio Luanda Antena Comercial pioneira a promover debates e a estabelecer com o público uma empatia na abordagem de temas de interesse comunitários e outros tantos de carácter Nacional.

Até o ditador Mobutu não escapou à pena Uanhenguiana sobre o seu comportamento devorador, em relação a riqueza do seu país, assim o político comentou: muitos anos de governação e muita riqueza só para si e seus familiares! Terá sido essa a maior virtude de Mobutu?

Está claro que esse tipo de questionamento visava despertar o timoneiro de uma certa carruagem...

Sobre a permanência abusiva em África dos Presidentes da República no poder chegou a sugerir algo inédito à OUA quando afirma o que segue: “creio que a questão deve ser vista pela OUA para reduzir e estudar a reclamação que deverá ser apresentada pelos descendentes dos antigos Reis de África, perante esses presidentes que querem ficar no poder consecutivamente 25, 32, 40 anos!?”.

A questão da alternância do poder em África continua a ser polémica, as transições são problemáticas, os Estados Modernos estão em conflitos permanentes com as autoridades tradicionais. Essa é na verdade um dos grandes desafios dos regimes africanos e o intelectual e político sempre avisado tinha consciência deste e de outros fenómenos sociais e também culturais por detrás da aparente convergência de interesse entre as elites políticas e os representantes dos poderes tradicionais.

Foi UanhengaXitu um dos impulsores da criação do Tribunal de Contas em Angola quando recomendou o que cito: “Não se preocupem com as riquezas de Presidentes, Ministros e outros. A atenção deve ser vista onde é que eles ou eles encontraram a riqueza em tão curto prazo de governação, para dúvidas, deve-se acelerar a criação do Tribunal de Contas”.

Anos depois efectivamente constituir-se-ia este órgão fiscalizador, fundamental para a transparência na gestão do erário público.

#### 4. O ESCRITOR COMO RESERVA MORAL DA SOCIEDADE

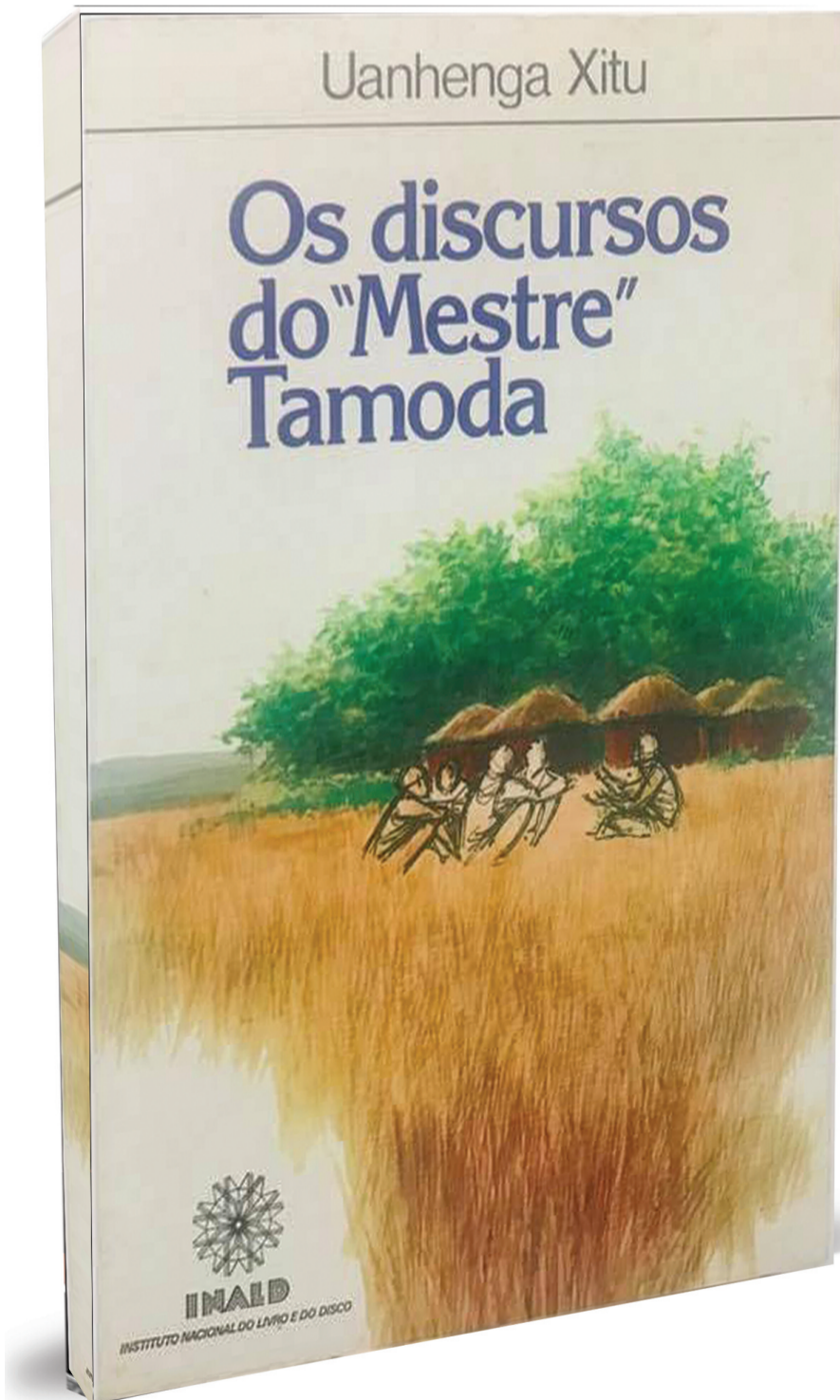
É inequívoca e inquestionável a postura cívica do escritor como reserva moral da sociedade, intelectual revolucionário ombreando com as populações daí o número de cidadãos que de manhã muito cedo acudiam sua residência no intuito de colocarem as suas preocupações e problemas.

O Político considerava o País um “El-dourado” pela forma como os estrangeiros exploravam inescrupulosamente as nossas riquezas sem que em troca houvesse o desenvolvimento efectivo das populações.

Sobre a matéria tinha a sua posição bem definida e considerou:

“O poder exerce-se e a autoridade impõe-se. O poder sem autoridade não é poder, dilui-se e confunde-se com confusão: autoridade requer qualidades morais muito altas de justiça, disciplina, coragem, perspicácia e paciência do dirigente. Um chefe corrupto, imoral, ditador com certeza não pode impor autoridade a alguém”. Nada mais líquido do que isso. Ai está a postura de um líder visionário que ama o seu povo.

A forma anedótica ao referir-se ao Ponto Prévio, Senhor Presidente, dizia que para ele seria o seu “material utópico ou empírico para bem governar dos Presidentes ou Dirigentes”.



No meio de alguma brincadeira há verdades irrefutáveis.

O autor não podia escolher uma melhor forma de tratar assuntos sérios. Misturar a picardia para desanuviar o ambiente carregado que envolve a política e os políticos.

Lutou contra um dos vícios prejudiciais do sistema, deixar embaixadores vários anos acreditados nos mesmos países. E sobre o assunto rematou: “falarei hoje não dos Embaixadores «vitalícios» que o País mantém nalguns Países. Embaixadores que ficam cerca de 10, 15, 20 anos consecutivo nos mesmos postos. São Embaixadores activos em activos ou esquecido?”.

O político identificou a instabilidade da equipa económica dos anos 90, pelo facto de em 8 anos terem passados 8 Ministros das Finanças e outros tantos como Governadores do Banco Nacional.

Não lhe passou despercebido o abandono em que esteve sujeito o Mausoléu de Agostinho Neto e a falta de apoio à fundação com o seu nome.

Saiu em defesa da Liga Africana contra uma informação veiculada que dava conta da possibilidade do património daquela instituição ser alienado a favor de uma empresa estrangeira. Com essa atitude demonstra às novas gerações que é possível os políticos assumirem posturas dignas contra as condutas indecorosas de certos servidores públicos.

No entanto, em nossa análise se houve uma posição arrojada mas que abona a favor do MPLA foi quando sobre a Eleição do Presidente do Partido considerou: “será bom pensar se o meu Partido estará preparado para no próximo Congresso admitir dois Candidatos à eleição do Presidente do Partido tal como aconteceu em Cabo-Verde o PAICV. O tempo mudou e as tendências estão previstas no estatuto”.

Neste particular o Político e intelectual

não poderia ter sido mais assertivo. É este UanhengaXitu no qual o povo se revê, o porta-voz de milhares de angolanos esperançosos numa vida com menos precariedade, longe da pobreza e dificuldades comuns que qualquer governo sério tem a missão de debelar. Afinal no seu texto poético intitulado “Puema”, inserido no livro O Ministro já havia assumido a mesma postura crítica e de denúncia dos actos criminosos na altura apelidados de “contra Revolucionários” que eram praticados por figuras da Nomenclatura. Vejamos o que dizem os versos: “Eu sou Pueta de Kimbundu/... ando de mulala, passeando na Sanzala, nas matas nas serras nas montanhas

no makelu onde há homens que falam que não dizem nada

(...) Onde há homens sem carne no cú toda fugida na barriga de cuca e nocal

(...) Onde há pessoas selectas que fazem camanga selectamente e não querem ser cangados onde há pessoas que fazem camaga para selectos e são cangados

onde há pessoas que tiram selectamente e não querem ser cangados e outros tiram de – pianinho e não querem ser cangados onde há homens que vêem e contam e ai tem pessoas que tira géneros, mobília do povo – governo – povo e não é cangado mas... quer cangar a pessoa que conta e vê tirar géneros, mobílias

do povo – governo, do governo – povo mas... quer cangar a pessoa que foi contar gatuno selecto e gatuno de – pianinho de géneros, mobília do povo-governo e do governo-povo.

(...)

As posições de elevado simbolismo dignidade e coragem que manifestaram os filhos de Icolo e Bengo contra a

Administração Colonial Portuguesa é fruto de uma tradição escolástica que foi transmitida ao longo de várias gerações. A rebeldia dos angolanos desta parte do País levou a que fossem identificados doze designações pejorativas no dizer de Chicoadão que cito: “Povo de refilões; povo rebelde; povo difícil de domar e convencer; povo que não se deixa vender; povo que não se deixa enganar; povo calcinhas; povo canetista de primeira apanha; povo insubordinado; povo sempre descrente e desconfiado; povo de nariz arrebitado; povo insubmisso e finalmente povo que não quer nada com o colono”.

## 5. CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão diremos que UanhengaXitu revela-se como fiel continuador da gesta heróica e patriótica que despoletou na região de Mutemu (Icolo e Bengo) em 1922, da rebelião do 4 de Janeiro da revolta de 4 de Fevereiro e 15 de Março de 1961, enquadra-se também no espírito de luta das populações de Catete que se manifestaram em 1960 no dia 10 de Junho contra a prisão de Agostinho Neto, ocorrida no dia 08 do mesmo mês e do mesmo ano, tendo daí resultado o Massacre de Catete com um saldo de 30 mortos e mais de 350 feridos.

É pois UanhengaXitu uma extensão desta saga heroica que engrandece a História de Angola e coloca a região de Icolo e Bengo como um viveiro de mártires e heróis à espera de ser reconhecida à dimensão dos feitos dos seus filhos, HojiyaHenda, (nascido acidentalmente na Vila Salazar-Ndala Tando, Província de Kwanza Norte) Deolinda Rodrigues, Agostinho Neto, Neves Adão Bendinha, Imperial Santana, Paiva Domingos da Silva, só para citar alguns.

As suas obras “Os discurso do Mestre Tamoada”, “Cultos Especiais” e “O Ministro”, enquadram-se perfeita-

## BIBLIOGRAFIA ACTIVA

- *Obras de UanhengaXitu*
- *Bibliografia passiva*
- *NETO, Agostinho e a Libertação de Angola (1949-1974), vol. I<sup>o</sup>; FAAN.*
- *RIBAS, Óscar; Ilundo; Ministério da Cultura*
- *CHICOADÃO, Agostinho Neto (...) no Processo de Luta de Libertação Nacional; Colecção novo rumo; p. 24, 43 e 44*
- *1961, Memória de um ano decisivo; Associação Tchiveka de Documentação*
- *CASTRO, Norberto; Ano de Cas-sanje; Cooperativa editorial “Mulemba Ua Xá Ngola”.*
- *CHICOADÃO; Angola Ontem; Volume I; Editorial Nzila;; 1<sup>a</sup> Edição 2007.*
- *WHELLER, Douglas e Pélissier, René; História de Angola; Edições Tinta da China Lda, 1<sup>a</sup> Edição de Bolsa Fev, 2011.*
- *História do MPLA, I<sup>a</sup> e I<sup>a</sup> Volume*

mente no subgénero Romance embora o autor tivesse sempre assumido a sua predilecção para o conto, conforme nos demonstrou nos livros “Bola com Feitiço”, “Mestre Tamoda”, “Maka na Sanzala-Kahitu” e “Vozes na Sanzala-Mafuta”. Já “Manana” que o autor classificou como sendo a sua joia mais valiosa, manifesta uma escrita com grande nível de elaboração estética onde se destaca uma concatenação bem estruturada e um encaixamento idílico.

Bem-haja, UanhengaXitu, o homem da Quijinga, o seu legado alimentará as novas gerações tal como o “kidin-gomundelepapu” alimentou durante séculos os nossos antepassados.

Luanda, aos 31 de Agosto de 2019



LEONEL  
COSME

## Movimento dos Novos Intelectuais de Angola

João Ngola Trindade como impulsioneiros da iniciativa, a qual se propõe “resgatar e defender o legado de figuras que formataram o MNIA histórico, como Viriato da Cruz, António Jacinto, Mário António e Agostinho Neto, entre outros.” Esteve presente na assembleia constituinte o Secretário de Estado da Cultura, João Constantino, que numa declaração à imprensa salientou “não ser tarefa fácil recriar uma associação tão nobre como o MNIA, que contribuiu para uma ruptura estética do projecto literário/cultural colonial e motivou poetas e autores a escreverem acerca dos interesses reais dos africanos e da natureza social africana, sem concessões ao exotismo.”

Dizia o grande filósofo Santo Agostinho (que antes de ser bispo santificado foi um cidadão pecador) que “o tempo é o espaço que se vive entre o passado que já não é e o futuro que há-de ser”. Cronologicamente, é assim. Mas quando um tempo foi o espaço onde decorreram coisas, a memória delas logra recriar ou efabular um espaço histórico – o que não é, como já foi dito, uma tarefa fácil, até porque a história, ou a verdade, citando Montaigne, é como uma vasilha com duas alças, que se pode pegar tanto por uma como por outra. E ainda mais arbitrário quando, ao reproduzir a vasilha, estamos representando uma descoberta ou uma imagem. Certo e sabido é que a história

não se repete, como a água de um rio não passa duas vezes por baixo da mesma ponte.

Retomando a história de um determinado espaço-tempo: em 1946, Agostinho Neto, com 24 anos, chegou a Malanje, com o objectivo de ganhar dinheiro para custear os estudos em Portugal, enviava para o jornal Farolim um extenso artigo intitulado “A marcha para o exterior”, do qual começamos por transcrever o último parágrafo:

“A minha pouca experiência impediria que a voz chegasse ao céu se eu desse conselhos. Acho, porém, que a mezinha apropriada para anular os efeitos perniciosos bastantes do eutropismo seria começar por “descobrir” Angola aos novos, mostrá-la por meio de uma propaganda bem dirigida, para que eles, conhecendo a sua terra, os homens que a habitam, as suas possibilidades e necessidades, saibam o que é necessário fazer-se, para depois querer.”

**L**i na CULTURA do mês de Setembro, com o maior interesse e alguma surpresa, que um grupo de intelectuais de várias idades e formação cultural se tinha proposto recriar o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) com o objectivo de “retomar e promover os postulados teóricos culturais do slogan ‘Vamos Descobrir Angola’, lançado em Luanda, em 1948, valorizando a angolanidade em todos os aspectos.” São nomeados os escritores Domingos de Barros Neto, José Luís Mendonça, Alberto Oliveira Pinto e

Dois anos depois, em 1948, é criado o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), com a divisa Vamos descobrir Angola, e em 1951, a revista Mensagem, na qual, ideológica e literariamente, os fundadores daquele Movimento já assumem uma postergação da Portugalidade. Hoje diríamos, parafraseando o filósofo universitário sul-africano Mogobe B. Ramose, que assim se abria um caminho para a ética africana do Ubuntu, entendido como o movimento que é o princípio do ser como “ser-sendo”.

Por todas as razões é bom voltar atrás, para saber o que se fez e o que se foi. Até porque a verdade dos historiadores – como alertou John Steinbeck – “só é verdade até que alguém passe e faça um novo arranjo do mundo no seu próprio estilo.” É o cuidado a ter quando se opera uma “marcha para o exterior” atraídos, menos por um sentido crítico não só do “eurotropicalismo” como do “mundotropismo” (a que aquele também está submetido) do que “pelo movimento geral da humanidade para o diferente.” E tendo em conta também a interrogação da moderna poeta e filóloga cubana Damaris Calderon, quando perguntava se é aconselhável sair para fora sem ter entrado dentro até ao reino da raiz, torna-se indispensável e obrigatório reflectir sobre o paradigmático artigo do jovem Agostinho Neto, cujo título, sendo crítico, é precedido de uma advertência – uma causa psicológica – dirigida especialmente à geração moderna.

(...) Não é só aqui que esta geração é inobjectiva, aérea, é-o em todas as partes do mundo. E a desunião dos nativos não é posterior à fabricação em série do rapaz moderno.

(...) Os nativos são educados como se tivessem nascido e residissem na Europa. Antes de atingirem a idade em que são capazes de pensar sem esteio, não conhecem Angola. (...) Os indivíduos assim formados têm a cabeça sobre vértebras nativas, mas o seu conteúdo escora-se em vértebras estranhas, de modo que as ideias, as aspirações do espírito são estranhas à terra. Daí o olhar-se esta, a sua gente e hábitos, o mundo que os rodeia, como estranhos a si – de fora.

Entre o tempo de Agostinho Neto, jovem observador militante da vida do seu povo e da sua terra, e o tempo do seu exercício como Guia da Nação Angolana, sucederam duas gerações que deram testemunho do seu próprio tempo-espço: a de 50, sob a sigla do MNIA, através das revistas Mensagem e CULTURA e das actividades sociais e educativas das instituições patrocinadoras: a Associação dos Naturais de Angola e a Sociedade Cultural de Angola; e a de 75, – chamemos-lhe “geração da Independência” – através da Brigada Jovem de Literatura, com os seus Cadernos (designadamente um intitulado Aspiração), patrocinada pela União dos Escritores Angolanos.

A 5 de Julho de 1980, - quando já estavam extintas, por opressão da polí-



tica colonial vigente, iniciativas editoriais como a Coleção IMBONDEIRO, do Lubango, a Coleção BAILUN-



*Hoje, continua a ser ponto de partida “escrever acerca dos interesses reais dos africanos e da natureza social da vida africana, sem concessões ao exotismo”*



DO, do Huambo, e os Cadernos CAPRICÓRNIO, do Lobito, nas quais os novos autores e os consagrados tiveram a oportunidade de contrabalançar o “tempo do cicio” (no dizer de Jofre Rocha) e o “Ghetto” (no dizer de David Mestre) – irrompe, como das sombras um foco de luz, a Brigada Jovem, qual reposição do antigo MNIA.

O compromisso da respectiva proclamação será histórico:

A literatura é uma arma de combate pela afirmação do Homem e ela deve estar sempre ao serviço da revolução. A literatura deverá ser o reflexo da cultura peculiar do nosso povo, e esta o seu motivador. Ela deverá ser também a expressão do trabalho criador do nosso Povo.

Convictos de que a personalidade cultural do Povo Angolano tem de se revelar através da literatura e de outras formas de expressão artística;

Convictos de que a literatura melhora o gosto estético e ajuda à formação e desenvolvimento da personalidade com a merecida atenção aos valores humanos e sociais; Considerando a necessidade de se defender a dignidade e a identidade cultural do Homem Angolano, em harmonia com o futuro africano e universal da literatura;

Considerando que os jovens escritores e amantes da literatura devem participar na luta do nosso Povo consolidando o combate na frente cultural;

Considerando que a cultura e a literatura são um instrumento dinâmico de mudança no mundo em perpétua transformação;

Os jovens escritores e amantes da literatura, reunidos em encontro (...) rendendo homenagem ao Poeta, ao Militante e ao Intelectual Revolucionário – o Camarada Presidente Agostinho Neto, Guia Imortal da nossa Revolução, Fundador da Nação e do MPLA-Partido do Trabalho;

Rendendo homenagem a todos os escritores tombados na luta pela independência nacional e pela construção do socialismo científico, (...) os jovens escritores e amantes da literatura abaixo assinados, proclamam a sua constituição em BRIGADA JOVEM DE LITERATURA (...)

Dissemos que os novos intelectuais da Brigada de Literatura tinham assumido um compromisso histórico. Mas diremos, agora que Angola já está “descoberta”, face à homenagem prestada ao Poeta, Militante e Intelectual Revolucionário Agostinho Neto, que o seu discurso é um compromisso de continuidade histórica, pela sintonia que manifesta com o discurso proferido, em 10

de Dezembro de 1975, pelo então já Chefe do Estado Angolano, na proclamação da União dos Escritores Angolanos, do qual salientamos estas passagens iniludivelmente programáticas:

No momento em que o nosso povo acaba de assumir a plena responsabilidade do seu futuro como nação livre e soberana, os escritores angolanos permanecem na vanguarda, face às grandes tarefas de libertação e reconstrução nacional. (...)

A luta directa contra o colonialismo foi vencida. Os escritores angolanos, desde a primeira hora e sob todas as formas, a essa luta entregaram suas armas e suas vidas e alguns tombaram para sempre no campo de honra do solo pátrio.

Hoje que o nosso povo trava nova batalha neste combate de séculos pela nossa afirmação como nação livre em África e no Mundo, mais uma vez, como é seu dever e tradição, os escritores angolanos estão presentes no seio desta resistência popular consolidando o combate na frente cultural. (...)

A literatura, quando realista, é sempre um combate entre causas e efeitos, para o que, como disse o jovem autor Agostinho Neto em Malanje, “é necessário saber o que se quer para depois fazer.” Hoje, continua a ser ponto de partida “escrever acerca dos interesses reais dos africanos e da natureza social da vida africana, sem concessões ao exotismo”, como frisou o secretário de Estado da Cultura aquando da proclamação, a 10 de Agosto, do novo Movimento Nacional dos Intelectuais de Angola.

Faço desta resenha historiográfica a minha saudação ao novo MNIA.

# Idiossincrasias

## Paulo Kussy: o nu absoluto



*Esta é a nossa idiossincrasia.*

*Parece dizer Paulo Kussy, com o pincel e as tintas, num estado de reflexão filosófica*



### JOSÉ LUÍS MENDONÇA

**E**steve patente no Camões, centro Cultural Português em Luanda, até dia 3 de Outubro, o mais recente trabalho de Paulo Kussy, *Idiossincrasias*, com o mesmo cunho antropológico de obsessão pelo corpo, que já vem desde *Anatomilias*.

Com uma ala de acrílicos sobre tela e outra, na sala de entrada, com desenhos sobre papel, Paulo Kussy rompe um tabu milenar e expõe o nu absoluto.

Os desenhos, com aproximadamente um metro de altura, são um regresso à arte clássica, greco-romana, em que o

homem nu era lugar de culto transferido para as ânforas e para a estatuária. O pintor recorda-nos as deusas do Olimpo, quase todas afrodites, com os púbis cavalgando a montanha do erotismo, em poses mais diversificadas.

Os acrílicos revelam ainda o fetiche do corpo da mulher e suas águas sólidas, onde o predomínio do castanho marca o fundo de grandes dimensões, sem deixar nada a perder para o vermelho puro com a língua da vida de fora, e o azul também como fundo isolante de um tema central.

O corpo se abre nesta exposição como espaço de partilha individual e colectiva

com a natureza das coisas e a natureza coleante dos outros (Humanidade).

Já é marca de Kussy o traço geométrico pseudo-metálico, a lembrar uma indústria metalúrgica ou uma engenharia de montagem (em vez de automóveis e aviões) de corpos humanos com a sua engrenagem de ossos só visíveis num ou noutro desenho, a mostrar-nos que o que nos vemos ao espelho é mera carcaça de uma máquina com alma e peças (sobressalentes algumas, outras nem tanto) e que, por via dessa constatação, não vale absolutamente nada estarmos aqui na Terra a azucrinar-nos a cabeças uns dos outros,

principalmente na vida da relação.

Pois que, tirando os desenhos, as grandes telas é disso que tratam: da idiossincrasia da relação entre os vivos, neste espaço curto de tempo que nos é dado lambar as mágoas e as águas da pele esticada pela nutrição do vazio cósmico.

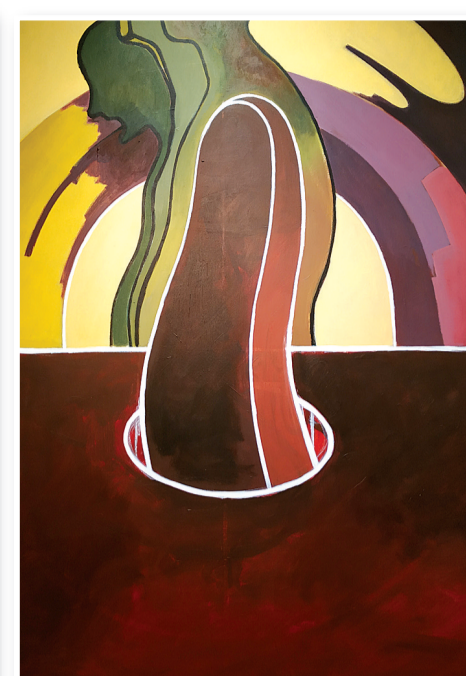
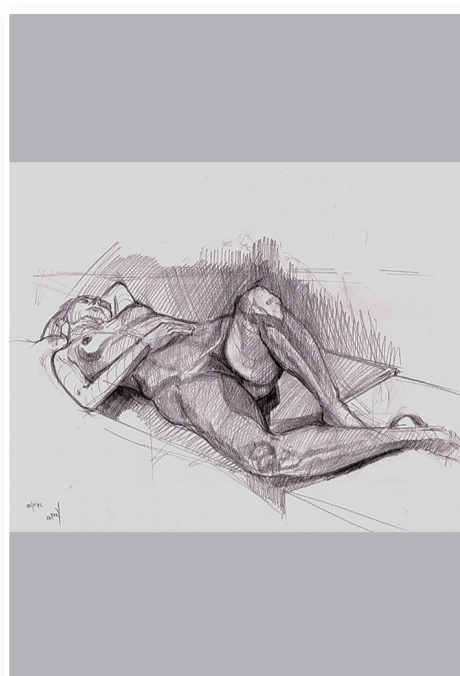
### EIS O QUE SOMOS.

Esta é a nossa idiossincrasia. Parece dizer Paulo Kussy, com o pincel e as tintas, num estado de reflexão filosófica que a arte permite e que, neste caso, lava o pintor à irreverência da abordagem do tema tabu da nudez e do erotismo. Por este nosso corpo, o topo da criação



FOTOS CEDIDAS

animal e da sua (des)configuração mais íntima (músculos, ossos, tecidos em convulsão pelas impressões efémeras dos sentidos (o tacto com que nos toca e o olfacto com que esta pintura cheira as nossas entranhas e pensamentos), enquanto a Terra nos espreita lá fora, na mão subterrânea de Deus.



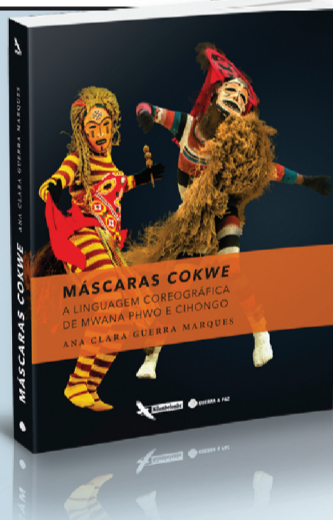
## CDC Angola em digressão pela Europa

A Companhia de Dança Contemporânea de Angola realiza entre 5 e 31 de Outubro a maior digressão do seu tempo de existência.

Durante um mês realizará 10 espectáculos em diversas cidades entre a Holanda e Portugal. O início terá lugar em Amsterdão no Afro-Vibes Art Festival, no dia 05 com a peça O monstro está em cena de Ana Clara Guerra Marques e Nuno Guimarães, ao que se seguirá a participação na Quinzena Internacional de Dança em Almada.

Até final de Outubro a CDC Angola apresentará espectáculos em Faro (dias 11 e 12), Montemor-o-Novo (dia 16), Ponte de Lima (dia 25) e Coimbra (dia 31). Nos dias 22 e 23 de Outubro a CDC Angola fará uma apresentação especial no Porto com a peça Mysterium Coniunctionis, de Joana Von Mayer Trindade e Hugo Cristóvão.

O programa será complementado com master classes e conferências. No dia 08 será apresentado o documentário sobre a CDC Angola "Outros Rituais



mais ou menos", de Jorge António, na Cinemateca Portuguesa em Lisboa e, no dia 28, o livro "Máscaras Cokwe: A linguagem coreográfica de Mwana Phwo e Cihongo" de Ana Clara Guerra Marques, na Universidade de Coimbra

Recordamos que esta companhia, à qual se deve a grande transformação do panorama da dança em Angola, foi fundada em 1991, é membro do Conselho Internacional da Dança da UNESCO, possui um historial de centenas de espectáculos apresentados em Angola e em todos os continentes, sendo hoje a principal referência da dança cénica angolana no estrangeiro. A CDC Angola é suportada pelo Banco BAI, cuja sensibilidade e respeito pelo nosso trabalho são demonstrados pelo apoio continuado que tem ajudado a manter o funcionamento deste colectivo.



2019 - CDC Angola. Monstro. Foto Rui Tavares



2019 - CDC Angola. Mysterium. Foto Rui Tavares

# Verkron e a anatomia do espaço

LUAMBA MUINGA

A galeria JahmekContemporaryArt é dos mais novos espaços de arte de Luanda. Abriu suas portas no ano passado. Está na antiga fábrica da Mission nos Coqueiros. A sua dimensão é de 10x4 – informação não oficial e provavelmente errada. Entre outros, já apresentou trabalhos de Yonamine, Iris Buchholz Chocolate e Nástio Mosquito (menções propositais).

Verkron é um dos principais colectivos de arte urbana da cena luandense. Os seus trabalhos são notáveis ao longo da capital angolana. Exemplos de zonas com suas assinaturas são as avenidas Major Kanhangulo, Rainha Jinga, Castro Vandunem “Loy”, Estrada da Samba.

O que os une é a exposição KalungaSystem, que a Verkron apresenta na Jahmek. Um conjunto de 13 obras entre pintura sobre tela, pintura mural, fotografia e vídeo marcam a sua primeira exposição dentro de uma galeria, depois de treze anos trabalhando nas ruas.

Nesta exposição, o colectivo discursa à volta de uma revolução psicológica através de uma libertação política e espiritual. O trabalho visual apresentado é uma visão/inversão futurista, em certos casos, e contestatária do espaço comum, em outros casos.

Apesar desse aspecto poderoso nestes trabalhos, observa-se que transição das ruas para o espaço de galeria traz um novo firmamento na linguagem da Verkron, o que não é de toda uma vantagem. Quem acompanha-os pelas ruas nota neles uma maior exploração do expressivo/declarativo em relação ao figurativo, embora haja este.

Em todo caso, é interessante ver apesar de não terem permanecido em absoluto com a sua linguagem de rua, eles tomam o espaço publico para invertê-los. Alguns destes sítios possuem uma protecção policial/militar que seria de difícil abordagem deixar as suas declarações anarquistas. Por isso serve quase de subterfúgio trazer estes sítios para uma galeria para questioná-los, ao contrário do que seria levar os questionamentos para estes lugares. Fala-se especialmente nas peças Economia dos deuses (técnica mistas sobre tela, 135x140), Fortaleza das Flores (técnica

mistas sobre tela, 135x140), Missão KiaHenda I (técnica mistas sobre tela, 150x90) e mesmo de Deolinda na Street (técnica mistas sobre tela, 115x120).

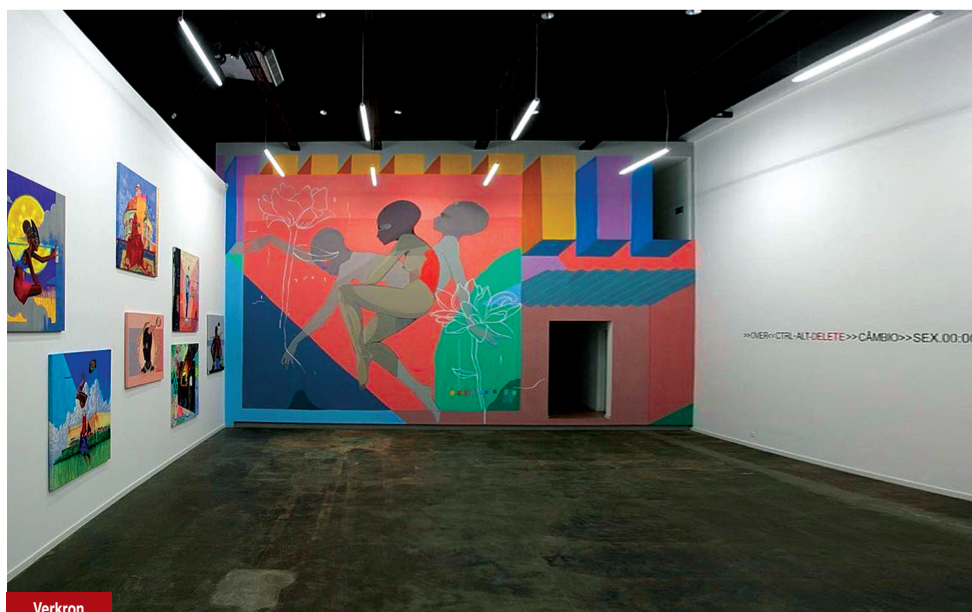
Observando a pintura mural cai no gosto da observação mais a magnitude dela. No entanto ainda parece que a exploração espaço expositivo foi insuficiente. E aqui chama-se novamente a ideia de que a rua devesse estar mais presente nele, quem sabe na forma de um mural-instalação. Já se viu interessantes aproveitamentos do grande salão que tem a JahmekContemporaryArt. Foram esses os artistas citados no começo do texto: Yonamine, com o seu Ngola Cine; Iris Buchholz Chocolate, com na exposição que antecedeu esta, Okufeit(ka); e Nástio Mosquito no contexto de uma colectiva reformulou os confortos para apresentar seus vídeos.

Em paráfrase a uma passagem do texto da curadoria, assinado por NkuliMlangeni, no momento em que espelha os propósitos da exposição, poderíamos afirmar que o colectivo, de certa forma, perde sua linguagem afirmativa ao entregar-se a uma entidade mais sistemática que se manifesta através de uma linguagem menos alternativa e pulsante – que são as galerias em relação à arte urbana. Mas sabemos que está lá: Primeiro Traço do Plano (técnica mista sobre tela, 135x140), TheDream (técnica mista sobre tela, 135x140), Cinturão Negro (técnica mista sobre tela, 135x140), StreetXinguilamento (pintura mural, 500x800).

Devemos pensar também que esta exposição se trata de uma busca alternativa das alternativas. A formação de um sistema – KalungaSystem?

**LuambaMuinga é reporter de arte, especializado em artes visuais com incidência crítica de arte. Pesquisas sobre políticas públicas para cultura. É co-fundador da revista eletrônica de artes Palavra&Arte e atualmente coordena a Iniciativa Privada – Comunicação e Conteúdos, estúdio criativo com enfoque em produtos comunicacionais e culturais.**

**Kalunga System  
Verkron  
JahmekContemporaryArt  
Abertura 06 de setembro de 2019**



Márcia Dias entrega obra premiada ao embaixador de Angola em Portugal

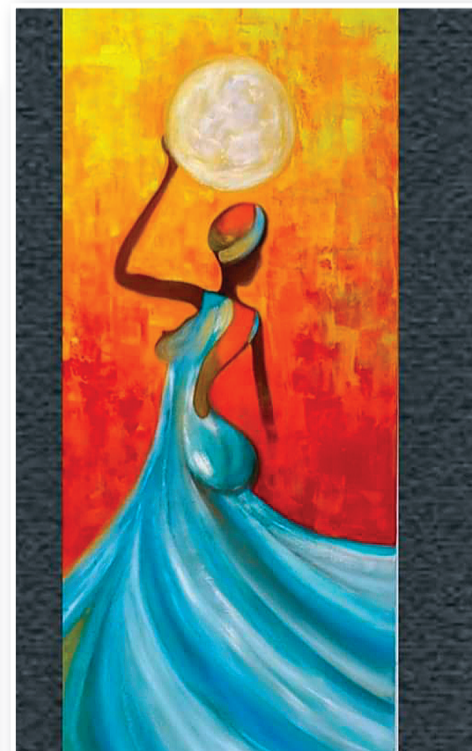
## Márcia Dias recebe Medalha de Ouro na Expo Dubai

Artista plástica Angolana, Márcia Dias, foi a vencedora entre 90 concorrentes da medalha de ouro de uma exposição que decorreu no World Trade Center, no Dubai, com a obra “Mumuíla”.

Recebida em audiência pelo Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário de Angola em Portugal, Carlos Alberto Fonseca, Márcia Dias apresentou a obra premiada ao chefe da missão diplomática de Angola na capital portuguesa e aproveitou para explicar um pouco daquilo que tem sido o seu itinerário artístico.

Radicada há 20 anos em Portugal, depois de ter vivido algum tempo na Suécia, Márcia Dias saiu de Angola quando terminou o liceu, tendo já apresentado trabalhos em várias cidades europeias, especialmente em Barcelona e no Museu do Louvre, onde voltará a ter trabalhos expostos a partir do dia 18 de Setembro.

Há dois anos, Márcia Dias participou em Portugal, na exposição “Artes Mirabilis”, inaugurada pelo Presidente Marcelo Rebelo de Sousa.



# Semana do Orgulho de Estocolmo 2019 celebra liberdade das minorias sexuais



A equipa com Goran Stanton (centro) fundador da Gay Police Organization

IMANNI SILVA

Em Agosto deste ano tive o prazer de conhecer a cidade de Estocolmo, Suécia. Através da embaixada da Suécia em Angola em parceria com o instituto Sueco, fui convidada junto com outros jornalistas de várias partes do mundo para conhecer de perto os nomes e movimentos que tem contribuído social e culturalmente ao longo dos anos para uma maior inclusão da comunidade LGBTIQ+ no país. O StockholmPride é um festival anual de orgulho LGBTIQ+ realizado desde 1998. As comemorações normalmente começam com palestras e exposições por toda a cidade. "Pride-House" é o centro cultural do festival. Está repleto de seminários, debates, workshops, exposições, filmes, teatro e outras apresentações. Este ano realizou-se entre 29 de Julho e 3 de Agosto.

Estocolmo é um dos principais destinos mais seguros para a comunidade LGBTIQ+ por conta da sua tolerância, abertura e inclusão, contribuindo generosamente para o turismo. Durante a semana do orgulho, dezenas de espaços comerciais desde restaurantes e lojas até instituições culturais como teatros e museus exibem a bandeira do arco-íris como demonstração de apoio à liberdade sexual e identidade de género.

Apesar de ser um país que tem os direitos humanos com uma das grandes prioridades, a Suécia, tal como qualquer país do mundo, tem grupos de pessoas que, embora em pequena escala, pregam contra a liberdade de diferentes formas de amar, o que provocou uma recente discussão parlamentar sobre a possibilidade de se proibir a liberdade de expressar qualquer opinião

que seja considerada ofensiva e discriminatória. A cidade capital abriga cidadãos de outras cidades vizinhas onde existe menor tolerância e compreensão tal como imigrantes de várias partes do mundo que buscam uma sociedade onde podem viver sem a LGBTIfobia.

Barbro Westerholm de 86 anos recorda que durante a infância questionou o pai quando viu dois homens de mãos dadas em público e ele respondeu: "Eles se amam como eu amo a tua mãe" não há nada especial nisso. Estas palavras contribuíram para se tornar uma pessoa tolerante. Enquanto membro do parlamento desde 1988, Barbro Westerholm trabalha arduamente em prol dos direitos da comunidade LGBTIQ+ e contribuiu para que certas mudanças acontecessem. A Suécia, ao contrário do que se imagina, era um país homofóbico até século XIX no qual era crime as relações sexuais e afectivas entre pessoas do mesmo sexo. Em 1930 a homossexualidade passou igualmente a ser vista como doença e em 1944 foi descriminalizada. Em 1979 como Directora Geral do Conselho Nacional de Saúde e Bem-Estar da Suécia, Barbro decidiu dar ouvidos aos cerca de 40 activistas LGBTIQ que ocuparam a escada do escritório, pedindo que a organização desclassificasse a homossexualidade como uma doença mental. E em 27 de Setembro, um mês depois, a organização retirou a homossexualidade da lista de doenças.

## UNIÃO ENTRE CASAIS DO MESMO SEXO

Em 1994, após 5 anos desde a primeira proposta, o parlamento aprovou a legislação que concede a união civil entre casais do mesmo sexo. Em 2002, o parlamento aprova a adopção entre

casais do mesmo sexo, que levanta outro desafio: por conta da alta qualidade de vida e estabilidade social os casais homossexuais têm de buscar os serviços de adopção de crianças no estrangeiro. As estatísticas mostram que entre 1 a 2 crianças nascem por semana através de barriga de aluguer para casais do mesmo sexo. As barrigas de aluguer ainda não são legais na Suécia e no parlamento a discussão é travada pela visão feminista que defende e compara o acto a uma forma de exploração. Os casais do mesmo sexo podem contrair matrimónio desde 2009.

A Suécia foi o primeiro país do mundo onde os transgéneros passaram a adoptar legalmente uma nova identidade de acordo com o seu novo género desde 1972. Os transgéneros eram submetidos aos requisitos de cirurgia de redesignação sexual e esterilização. Em 2013 estes requisitos foram suspensos e não fazem mais parte da lei e em 2017 o governo anunciou que compensaria cerca de 800 pessoas trans que foram forçadas a passar pela esterilização e cirurgia de redesignação sexual no valor de 225.000K equivalente a 21.000 euros.

Muitas são as pessoas que há décadas enfrentaram as primeiras barreiras para que hoje a nova geração possa usufruir dos vários avanços conquistados. E em troca de ideias entre gerações a "Regnbågen" (Casa Arco-íris) e um edifício com apartamentos para pessoas LGBTIQ+ a partir do 55 anos de idade, permitindo uma convivência mais segura e harmoniosa entre pessoas com uma história comum. Inaugurado em 2013 por Christer Fällman, o edifício é um dos primeiros projectos residenciais para idosos LGBTIQ+

no mundo. Tem 34 residentes em apartamentos cuja renda é mais acessível, comparando com a maioria dos preços de aluguer em Estocolmo, custando entre 670 a 840 euros por mês. Os apartamentos que ocupam os 3 últimos dos 8 andares do edifício possuem um café, ginásio, salão, biblioteca e terraço para as mais diversas actividades sociais entre os residentes.

Entre grandes caminhadas e história, somos calorosamente recebidos por Goran Stanton, polícia e fundador da "Associação de Polícias Gays" fundada em 2000 que, por causa do preconceito e intolerância, deixou a polícia nos primeiros anos de carreira, regressando 5 anos depois quando, graças a um novo relacionamento, se sentiu mais forte e empoderado. Desde 2007, existe a Unidade de Crimes de Ódio que forma os novos integrantes da polícia sobre os crimes relacionados com a intolerância e o ódio aumentando o seu nível de conhecimento na descoberta, investigação e processo. A mensagem "Polícia para todos" enaltece a importância de qualquer sociedade em ter uma Polícia livre de preconceito, pronta a apoiar todo e qualquer indivíduo, independentemente da sua orientação sexual e identidade de género.

Igualmente trabalhando em prol desta visão está a RFSL (Federação Sueca dos Direitos de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgéneros), uma organização sem fins lucrativos fundada em 1950, sendo uma das mais antigas associações LGBTIQ do mundo com cerca de 7.000 membros. Segundo a presidente da associação, Sandra Enhe, o trabalho ainda é árduo e contínuo para que mudanças aconteçam. Eles trabalham para a formação corporativa, polícia e unidades sanitárias sobre orientação sexual e identidade de género.

## QUEBRAR O SEXISMO

A Suécia está na vanguarda em prol da igualdade de género, onde o homem e a mulher têm as mesmas obrigações não só sociais, mas igualmente no seio familiar, criando uma maior harmonia entre os sexos. Apostando afincadamente na quebra de normas sociais de género, Tomas Gunnarson, o fotógrafo e jornalista conhecido como o "Fotógrafo do Género", trabalha na conscientização sobre como as normas sociais de género são retratadas pela imprensa. Tomas tem um currículo invejável de trabalhos editoriais e campanhas e passou a retratar tanto o homem como a mulher de forma igualitária, mostrando ao mesmo tempo o lado forte da mulher e meigo do homem quebrando o sexismo retratado em várias plataformas, desde capas de revistas a campanhas publicitárias. Tomas está ciente



Parada gay em Estocolmo

de que o género é algo construído socialmente e o que é considerado masculino ou feminino muda de acordo com o tempo e difere do ponto de vista cultural e o seu lema de trabalho é excluir as diferenças entre as pessoas e focar no que elas têm para oferecer.

Na Suécia é cada vez mais comum a educação baseada no género neutro onde o masculino e o feminino são excluídos, permitindo o indivíduo que seja tratado única e simplesmente como o ser humano que. Após a separação, Marie Tomičić, enquanto lia livros de contos aos seus filhos, reparou que

muitas histórias não refletiam a sua realidade e decidiu fundar a editora "OLIKA" que significa "diferente". Uma editora que publica livros infantis que inspiram pessoas de todas as idades através dos seus personagens inclusivos e neutros quanto ao género, quebrando os tabus sobre o comportamento social de homens e mulheres e a visão prematura de como deve ser um menino e uma menina. A editora já lançou cerca de 150 livros para crianças de até 12 anos de idade e inclui histórias que visam normalizar personagens que são LGBTQ+, não conformes

## Joshua McGarter Simpson e a necessidade de revisão do cânone da literatura americana

GASPAR MICOLO

Quando Lauri Ramey leccionava Inglês e Escrita criativa na Universidade de Hampton na década de 1990, criou um arquivo dedicado aos poetas afro-americanos. Melhorando o acervo, historicamente rico, da universidade sobre a poesia negra, adquiriu novos materiais de escritores contemporâneos que foram inspirados pela ideia de um repositório central das suas tradições e quiseram manter aí o seu trabalho preservado.

Duas décadas depois, a professora Lauri Ramey advoga a revisão do cânone da literatura americana, uma mudança que deve reconhecer o lugar central dos poetas afro-americanos. Na sua mais recente obra, *A History of African American Poetry* (Cambridge University Press, 2019), um ambicioso estudo compreensivo de um legado de 400 anos, ela explora o papel fundamental dos poetas afro-americanos na cultura americana, definindo-a como tradição que antecede a fundação da nação.

O que faz da poesia afro-americana uma tradição contínua? Para Lauri Ramey, autora de várias obras sobre o assunto, são canções sobre escravidão como "I Know Moonrise" e

"Nobody Knows the Trouble I've Seen" que considera serem o ponto de origem e a pedra-de-toque da poesia afro-americana que se seguiu. "Os poetas estão constantemente a conversar com outros poetas", diz Ramey à última edição da revista da Universidade de Chicago.

Lauri Ramey, que dirige os Centros de poesia que fundou na Universidade do Estado da Califórnia, em Los Angeles, e na Hunan Normal University, na China, defende que a essência da poesia afro-americana está num conservadorismo associada à inovação. "É um núcleo tremendamente resiliente que preserva a sua identidade mesmo enfrentando uma pressão política para assimilar e, por outro lado, [abraça] igualmente um forte processo de regeneração".

A investigadora vê essa tradição de preservação e experimentação no trabalho de figuras menos conhecidas, como o poeta abolicionista negro Joshua McGarter Simpson (1820-76), que escreveu paródias irónicas de canções menestréis, hinos patrióticos e outras tradições veneradas; o poeta modernista (de Chicago) Fenton Johnson (1888-1958), que trouxe inovações às formas líricas anglo-americana; e o escritor e compositor de vanguarda Russel Atkins (1926), cujo poema visual "Spyrytual" lembra o tradicional poe-

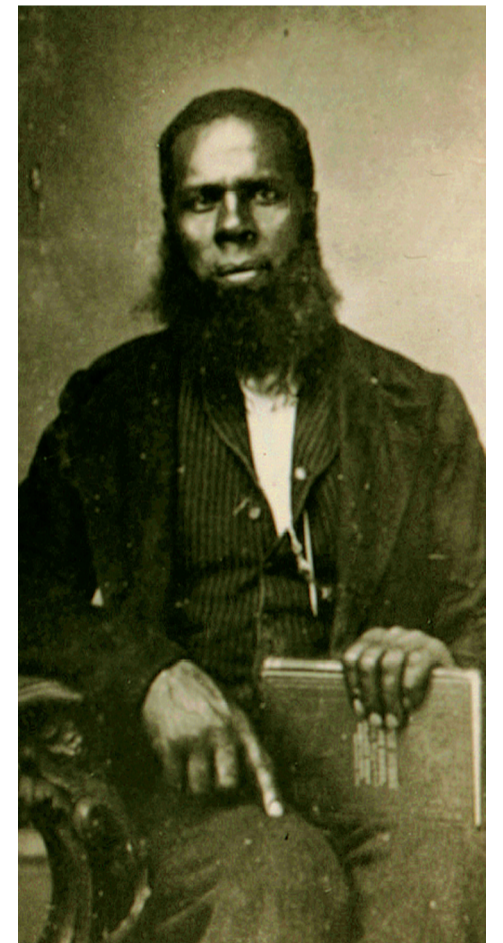
ma "Didn't It Rain". Lauri Ramey garante que estes poetas não estão a "experimentar" pela simples experiência ou para se opor à cultura dominante, é que a história de cativo e escravatura coloca a fasquia muito alta. A autora coloca Joshua McGarter Simpson no primeiro período da poesia afro-americana, da chegada dos primeiros africanos à América até a emancipação. Depois segue-se uma era aproximadamente contemporânea com o seu expoente poeta, Paul Laurence Dunbar (1872-1906).

Joshua Simpson, que nasceu livre no estado de Ohio, envolveu-se em várias fases da produção de músicas abolicionistas, assim como os músicos William Brown, Jairo Lincoln e George Clark, que actuaram como compiladores e compositores de canções. "As famosas canções Freedom's Call (1852) e Away to Canada (1852) são de sua autoria [Joshua Simpson]. Essa última canção expressa a imagem do Canadá como um destino real e mítico para aqueles que procuravam a liberdade em meados do século XIX. O "Canadá" na canção aparecia como sinónimo de liberdade. Simpson, provavelmente, actuou como "condutor" de escravos fugitivos pelo legendário "caminho de ferro subterrâneo". Suas músicas foram especialmente populares no sistema de fugas dos escravos, a chamada Underground Railroad, pois, por meio delas, inseriam-se expressões que mostravam aos escravos caminhos de fuga para refúgios no Norte", refere a historiadora Manuela Areias Costa, em *O Maestro da Abolição* no *Recôncavo baiano* (p. 142), a sua tese de doutoramento, em 2016, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Realizam workshops e colaboram com as mais diversas organizações. A organização gostaria de poder integrar no grupo pais de outros países mas infelizmente por questões culturais nem todos estão preparados a aceitar os seus filhos tal como são. Cerca de 300 pais orgulhosos desfilam na parada LGBTQ+. Na manhã de Sábado,

3 de Agosto com um sol arrebatador, as ruas do centro de Estocolmo se enchem com cerca de 500.000 espectadores de todas as idades para celebrar a vida, o amor e a liberdade. A parada LGBTQ+ é uma das maiores festividades da cidade capital onde organizações em prol dos direitos humanos, polícia, políticos, figuras públicas e activistas se juntam para encher a cidade de cor e energia positiva. A 2ª edição da parada teve cerca de 50.000 participantes com uma duração de mais de duas horas sob o tema "WE ARE NEEDED" (Nos somos necessários). Várias organizações que representam imigrantes na Suécia se fizeram presentes tal como Taiwan, sendo este o primeiro país asiático a aprovar recentemente o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Marcou igualmente presença a organização "NEWCOMERS" (Recém-Chegados) que representa os imigrantes LGBTQ+ na capital. A marcha terminou na Pride Park onde a festa continuou com concertos e actuações de vários géneros.

**Agradecimentos:**  
**Embaixada da Suécia em Angola;**  
**embaixador Lennart Killander-Larsson;**  
**Instituto Sueco, em especial Livia Podesta**



Joshua Simpson, um dos grandes da poesia afro-americana

Contudo, insistindo numa abordagem para refazer o processo de canonização, Lauri Ramey conclui a sua já monumental *A History of African American Poetry* com poetas contemporâneos que seguem e reformulam a tradição fundamental dos temas e das técnicas. Explorando as mais altas complexidades das vozes e identidades, os poetas contemporâneos ainda insistem na liberalização e liberdade, articulando um vínculo entre o individual e a comunidade, e enfatizando a performance e a oralidade.



# A exigência de captar o âmago da sociedade numa era de Takeaway

Uma reflexão de três fotógrafos, patente na Galeria Kulungwana

MAURO BRITO

Idai? É assim que falam por meio dos seus aparelhos fotográficos os três fotógrafos convidados para deixarem seu olhar, mesclado com a profundidade da situação, como quem presenciou e faz parte do problema, não apenas como observadores. Essa observação não é simples e rasa, é um olhar atento e activo, que lhes permitiu folhear os capítulos da enciclopédia da vida. Não é apenas sobre impactos de uma catástrofe, mas narrativas de singulares e profundas lições de vida de gente que sabe dar a volta por cima dos problemas do quotidiano.

Micas Mondlane, Amilton Neves e Emídio Jozine assumem que é a melhor forma que têm de comunicar, na boleia da imagem, tal como ela se apresenta. Sem fugir das bases que a fotografia exige que se tenha.

É certo que as calamidades naturais devastaram parte da zona norte e centro do país, e vizinhos, causando enormes perdas, para o choque e solidariedade de muitos. Como actores e cidadãos, partiram com a missão de contar como melhor sabem fazer, e nada melhor, porque as imagens falam por si. O olhar captou, sem filtros nem mediadores, nos aproximando da situação

da cidade da Beira em concreto. Fizeram-no como uma chamada de atenção, para apelar a sensibilidade em relação aos problemas que o mundo enfrenta, sem deixar ninguém de fora: o aquecimento global e mudanças climáticas. E não menos importante, a resiliência. Mais necessária do que nunca.

Fazem arte como formas de propor diálogos com a sociedade da qual fazem parte.

Dizem ser difícil fotografar situações como esta, que é o caso de uma calamidade que deixou muitos danos com impactos directos e indirectos. “É um acto complexo, sobretudo conservar a estética, porque é um registo carregado de emoção, intensidade e dor, que a certo momento nos envolve e não há como ficar alheio ao que está a acontecer. Toca-nos porque antes de ser fotógrafo, sou um ser humano, que está ali a presenciar o caos, miséria e desespero. Então, passamos a fazer parte do problema a partir daquele instante” diz Amilton Neves. No final de tudo, é importante documentar, fotografando, independentemente do assunto a tratar. A fotografia não está ali para julgar ou analisar nada, mas para captar a essência dos factos e comunicar.

Partilham da opinião de que este

trabalho é de responsabilidade social, sendo todos parte da natureza, é inconcebível estar à margem. A natureza dá-nos a resposta de como nós cuidamos dela, independentemente de onde estivermos, mais cedo ou mais tarde, teremos a sua resposta, explicam. Exemplo disso são as mudanças climáticas que hoje estão a causar danos no mundo todo. Sem deixar de lado o tema da poluição plástica no mar, de sacos e garrafas plásticas, exploração desenfreada de recursos, a caça furtiva, queimadas, etc. Tudo isso tem consequências, mas nos esquecemos que tudo isto é parte de um ciclo, nos isolamos desses problemas que criamos. Por isso, devemos tomar toda responsabilidade e cuidar da terra para que haja equilíbrio ecológico. Ela é generosa, desde que saibamos usufruir daquilo que ela nos oferece.

Através da fotografia, podem parar o tempo, deixar a poeira baixar e colocar o público em reflexão atemporal.

Para apurar a fotografia, defendem cultivar segredos como a paciência e o olhar, que são indispensáveis ingredientes que fazem os fotógrafos. Não apenas portador de uma máquina fotográfica. “É o exercício que irá definir quem é fotógrafo ou não. Por outro lado, olhar para o exterior, como se sente o outro, a relação com o próximo

que nesta era tem sido de takeaway. Não constituindo um exercício de construir uma relação de proximidade, de amor, de afecto, que necessita de tempo e de paciência.

Segundo Emídio Jozine “O exercício do clique inicia muito antes de pegarmos na câmara, é um exercício de reconhecimento. num processo de contínuo, de olhar e dar valor ao que se observa, mantendo respeito na fotografia captada.”

Não olham a fotografia como o fim, mas o princípio, porque ela multiplica-se nos sentidos e significados,

IDAI expõe um pouco da nossa consciência sobre as mudanças climáticas, moramos num mundo como se fôssemos isentos de qualquer responsabilidade, como se o planeta fosse apenas nosso, mas nós somos tão somente, participantes dessa vivência, não somos os seres superiores e que devem dominar tudo. Que deveremos partilhar o espaço.

Devemos parar e olhar para o nosso estilo de vida, reflectir sobre o consumo massivo de recursos.

Sensibilizar, contar histórias, e sempre conservando o amor pela fotografia, porque sem isso não seria possível absorver com delicadeza e profundidade a essência da vida, que não há nada que tenha mais valor que isso.

# Okilembu



MÁRIO PEREIRA

**1**.- Okilumba Donana, mona a manu Maniku ni Zinya dya Kaputu, ando-mulembakya.

2- Mukwa ny imweny wondo mulemba! - wabudisa Ngongadya Ngongo, dikamba dya mama ya kilumba dijina dye amwixana Donana.

3- Omunzangala, dijina dye amwixana omaji dya Sofia, mona kasule a mutambi umbandu ya akwazanga, mutambi mweny abeta kumwijiya mu dijina dya Jingongo ja Jibaçula - wamuvutwila.

4- Okilembw okyokyo ndobita kizuwa kyanyi?

5- Asolo kizuwa kya katanu kyambeji ya katatu kya muvu yu, mu kitangana kya kwinyi dya hola nitanu, benyaba mu mbonge ya Lanjelu mu Lwanda benyaba mwene.

6- Oakunjiyami jii ya diyenye ye amatekya mu kudikumbulula.

7- Mu kaxi kambele ya kilumba anda kumulemba, mw ala mu mutu umoxi, mwene o pange ya dikota ya mame, mwene odilemba dya beta kubukumuka, kwila dya bange mukanda umoxi ni makumbululu pala kilumba kusoneka o ifwa ya munzangala mweny wa mwandala, se mwene o diyala dyenye di unwa; se unwa kyavulu; se mwene o maka ny aumaxiba; se mwene ubanga jinga jimvunda mukunwa kwe; se mwene ulebesa odizwi dye mukuzwela; se mwene ujindamana ni kima kyofele; se mwene udibana kyambote ni akwa, kapwete, ni kamundanda ni kabolo-koso.

8- Odikumbulwila dyenyedi dyolobekesa maka, mukonda o kilumba udituna muzo dye kumuzu wela kyaiba; ombele ya munzangala yolotangela kya kuma a dituna o makumbululu menyama kizangesa okilunji kya minzangala kudisokana, ominzangala enya andala kukala bwa moxi kuma a dizola kyavulu!

9- Kiki pe, odilemba dya munzangala mweny wa muhatu mukukala mu kwivila ima yeneye wajindamana, kuma walembwa kuxikana kuma muzangala weny wadiyala watundu mu kuwaba kala mw ebwe wolotangela, kuma mwene odilemba wejija kyambote kina kuma, sayi izuwa mwene odiyala umubana jihuxi kyoso kyakala mu kudikwata mu hota yadibata dya mana Tete, hot aya zukama odibata dya kilumba, kyoso diyala ditunda mukunwa jinganza ja kimbombo kya ngangamakya, kyosumbise mu dibata mu mbinga y anjila yala kudima, yoso iyi yotangele kwa jimbonga jidisanga mu njila kwila, mu uxikelelu wa usuku ni malumbu moba ngeni mabaya ma tina, akala mu kutonginina okuwaba ni kwiba

kwakuzolo kwo tunde ukulukulu kya!

10- Kukyambe kuma maka mama molobita mwene, manu! - wakumbulula nijinjinda mutu wakexile mukwivila odilemba odyo o maka matokala yoso yonzosulu ka kumbandu yamwe bwembe mwene wo nzoxikana kusokana ni munzangala mweny wa diyala wakexile kyakumubeta hanji yakukala mu dibata dyenedimoxi!

11- Kitangana kuxi adizola? - Exi kuma adizola mivu iyadi, mba o diyala dyatangele kwa muhatu mu kwambela jindandu je kuma akexile mukudizola ngo sambwadi ya mbeji, mukuji minaji mvunda jakamu kwa - kala jimbonga ja njila jakexile mutangela kwenyoko!

12- Mivuiyadi? Sumbala kyenyekepe, mwene omuhatu wandala mwene kumusokana ni ndwandwa yenyenyi?

13- Manwe, kala mutu ni difula dye!

14- O ukexilu weny wafwa mutu ujima!

15- Kyebi kaxitw anda jimisa ukexilu weny se mwene okilumbo kyo, nidikanu dyoso dyojukule, ukala mukwambela kuma odiyalo dyo dyeneodi yala diwamwa ndala anga se ukamba kukalane, mwen kota wafu?

16- Kwa bukaxi. Se kyene, mwene mwene ngo wondo tena.

17- Inyi wolo kwambela? Mwene wondo tena?

18- Etu twanda tena kwivila okinemenu kya ukexilu weny, kikyene, kamba dyami?

19- Kyebi kaxi etu twanda tunda mu ukexilu weny?

20- Akiki, mu kitangana kyabeta mukutululuka, dilemba dya ku mbulwile pangye, mama ya kilumba mwebwe, pangye kumbambuya tata ni mama, se mwene mwebwe wejidile kulamba funji se kujimbumba, mukonda kandleleyeku kala mukwivila okinemenu kya jisonyi ku polo ya atuando disanga mu kizuwa kya kumulembela; anga wabudisa hanji se mwene mwebwe wejija kungomala, anga mu kumuvutwila opangye watele dihaha dya dikota dya kutundisa masoxi, mukonda dya nguzu ya topiyaya dibokolwesa mu kaxi ka mbeleya dibongolola mu kudikumbulula mukonda dya kusokana kwa kilumba kyadibata, ukexilu weny wabangesa dilemba kubudisa mwebwe se kidia ngamakutu exi sayi izuwa odiyala odyo umubeta mu hota dya mana Tete, kilumba anga wamuvutwila kuma kiki dye, kyenyekepe waxisa jindandu joso nikixikanu kya kuxinga ne kakuma kwa kexileni itangelu ndumba kuma itangelu ya makutu, amoxi anga atangela kuma afwa menekudila nga ni akwadimi; afwa mene hanjikukijija mukwanyi wakexile mukatula mu makanu ma anandenge o ima kiluwa amonekene mu ngongo, kuma mu ngongo mwala mu amoxi amesena ngo kukala mukuzangesa o ukexilu wa ndumba dya atu!

21- Inyi yabingi o jindandu ja muhatu? - Wabudisa odilemba dya kilumba anzomulemba.

22- Kabingya kima, wamuvutwila pangye ya muhatu.

23- Sumbala kyenyekepe, kala kitumi-na okijila kyetu, ombele ya diyala yoloyu-



dika odibunda dya exi dyene odilembu dya fumana, kwila odilemba dyadyenedy ondutubixidisa, odilemba dyenyedie tudijina dyetw adijiyakya mukwivila ndumba dya atukuditangela, odijina dye amwixana Jingongo kwila ngamesene nyami mutu we ny okukala dilemba dya, mukonda mu itangana ndumba wakexile kya mu ukexilu wa dilemba, mwene anga wala ndukile holajija dimukwambela kuma wendele kubinga muhatu pala ndandu ye, wabangesa atu oso kwenyoko kukala nijinjinda javulu!

24- Se mwene mwene wondo kala benyaba mu kizuwa kyakulemba o kilumbakyetu, twafwa makwa atela jimbambe mu kitangana, ji mbambe ja kwinyini tanu ya jiminutu, nia tene kuzwela yoso ya abekesa benyaba, kikyene, manu?

25- Tulembwe kukala ni muxima wakolo kyenyekepe.

26- Twa abana dingi kwinyi ni tanu yajiminutu jakamukwa! Wamubanza kyebi?

27- Eme ngixikana.

28- Mukonda dya kiki pe, ngolo banza kuma mwene mwene wondo kwata kututangela yoso ya abekesa benyaba, mukubingila o lukwaku lwa kilumba kyetu ku bata.

29- Kiky ene o muzodiwa diyala ukalamu ukexilu wa kutubingila o lukwaku lwa kilumba kyetu, kana, eye u manu wa kijiya mwene kyambotekina, sumbala mwene o diyala wandala kusokana ni monetu wamuhatu.

30- Enepe, se akala mu kubuku mu kakubanga mu kifwa kye ngiando tambula ku mbandu yetu okudituna kwe tu kwonene.

31- O mutu watokala kubinga o muhatu, yondo kala mutu woso le kwa jindandu ja, kwila, ku polo wa atu oso kwenyoko, adibongolola kya mu hola ni kizuwa kyo nu mine kya, mwene wondo kwata mu kuzwela mukubingila o muhatu pala o ndandu ye wala we kya kwenyoko waxikama kya.

32- Kyoso kixi kinu kyambele ya muhatu amubingi utula, kyene ngo mwene o dilemba dya muhatu, mu dijina dya jindandu jakwenyoko, mwene anga ubinga okixikanu pala kubana okilembu mu polo ya atu ala kwenyoko, okilembu kyenyekepe kilombolola okukala kumoxi kwa azo dienya adizola.

33- Iyi iwamuzwela benyaba etw oso twakijija kya, pangyami!

34- Tukungile eze muku tutangela inyi andala ene kutubingila.

## O dote (alembamento)

1- A Donana, filha do Man Maniku e da Zinha do Kaputu, vai ser pedida!

2- Por quem, mana Zefa? - perguntou Ngongadya Ngongo, amiga da mãe de Donana.

3- Por um moço chamado Tomajidya Sofia, filho mais novo de um pescador da ilha de Luanda, mais conhecido por Jingongo da Baçula - respondeu.

4- E quando é que isso será?

5- Está previsto para o dia cinco do mês de Janeiro deste ano, às 15 horas, aqui no musseque Rangel.

6- Os representantes das duas famílias já têm estado a dialogar.

7- E, sabes como é, no seio da família

da moça há um tio mais ousado que fez um questionário que deu à sobrinha para responder, assinalando o perfil do futuro marido, se bebe; se fuma; se faz confusão quando bebe; se fala alto; se se irrita com facilidade; se é uma pessoa simpática, ...etc., etc.

8- Este questionário está a dar que falar, porque a moça não faz nenhum reparo negativo do rapaz; e a família do moço já vem dizendo que não vai tolerar que indagações deste tipo venham minar o interesse de todos em ver unidos quem se ama de verdade!

9- Isso tem deixado o tio irado, por não acreditar nas sublimes qualidades

do namorado afirmadas pela sobrinha, uma vez que é do seu conhecimento que, de vez quando, o mesmo lhe enfia umas galhetas, quando namoram no beco da mana Teté, próximo da casa dela, depois de se encharcar de umas canecas de Kimbombo do mais rude, vendido na casa da esquina da rua de trás, tudo isso contado pelos putos da rua que, acobertados pela noite e os quintais de aduelas, presenciaram o bem e o mal desse já antigo caso de amor!

10 – Não me digas que isso tem acontecido! – indagou, enervado, quem ouvia o tio a dissertar sobre o que haveria de acontecer à sobrinha se aceitasse para esposo quem desde há muito a vinha maltratando!

11 – E há quanto tempo namoram? – Dizem que já namoram há 2 anos, mas o tal rapaz, dizem os putos da rua, obrigou-a a dizer aos familiares que só namoravam há sete meses para evitar outras confusões que convinha evitar.

12 – Dois anos? E mesmo assim ela quer contruir família com esse patife?

13 – Gostos são gostos, ...ó meu mano!

14 – Temos que vetar isso.

15 – Como vetar isso, se ela mesma já diz, de boca cheia, que ele é o amor da sua vida e sem ele prefere morrer?

16 – Pronto. Se assim é, ela que aguente.

17 – O quê? Ela vai aguentar?

18 – Quem vai sentir o peso da situação seremos todos nós, não acha ó compadre?

19 – E como é que vamos sair dessa?

20 – Entretanto, num dos momentos de maior acalmia, o tio indagara a mãe da moça, sua irmã de pai e mãe, sobre se a rapariga já sabia cozinhar funje sem bolas pois não queria sentir o peso da vergonha perante a assembleia que se realizaria para o efeito; e se já sabia engomar, cuja resposta fora uma sonora gargalhada que até arrancara lágrimas, tal a força com que piada irrompera no seio da família reunida para alinhavar o assunto, tendo-se aproveitado o momento

para se saber da rapariga se o que se ouvia sobre a violência do moço no beco da Teté era verdade ou mentira, cuja resposta deixou os familiares mais convictos de que nem tudo o que se dizia era verdade, e houve a recomendação de que se tinha de ter muito cuidado com os boatos; e tinha que se saber também quem é que estava a arrancar da boca dos miúdos coisas que nunca existiram, pois havia sempre alguém a querer estragar a situação dos outros!

21 – O que é que a família da noiva pediu para o dote? – Indagou o tio.

22 – Nada pediu, respondeu a irmã.

23 – Porém, como é de tradição, a família do rapaz está a preparar algumas coisas que constituirão a famosa oferta, que será entregue pelo representante da família dele, o famoso portador do dote, que até já nos fizeram chegar o seu nome, de um zumzum que anda por aí a circular, que é o mais-velho Jingongo e que não é do meu agrado pois, das vezes em que teve esse papel, em outros alembamentos, demorou mais de duas horas para afirmar que iam pedir a mão de fulana de tal..., deixando os presentes não só incomodados, mas também enfurecidos!

24 – Arrisco a sugerir que se for ele, temos que estabelecer um limite de tempo, quinze minutos, para afirmarem o que pretendem, não acha mano?

25 – Não podemos ser tão radicais!

26 – Podemos dar mais cinco minutos, mana! O que é que acha?

27 – Concordo perfeitamente.

28 – Portanto, é ele quem vai tomar a palavra, julgo eu, pedindo a mão da nossa querida menina.

29 – Não é o namorado que faz o pedido, o mano sabe, apesar de ser ele o sujeito da relação conjugal.

30 – E se ousarem que seja ele a desempenhar esse papel receberá da nossa parte o nosso veemente embargo.

31 – Será uma pessoa designada pela sua família que, perante todos, reunidos na hora e data combinadas, irá discursar pedindo a mão da moça a favor do seu familiar, o moço, também presente ao acto.

32 – Só depois do consentimento da relação por parte da família da moça, mera formalidade, é que o representante do noivo, em nome da delegação familiar presente, pede permissão para entregar o dote na presença de todos, oferta que simboliza o acto de enlçamento dos então namorados.

33 – Isso já todos nós sabemos, mana!

34 – Aguardemos que venham para dizerem o que pretendem.



## LUAMBA MUINGA

A minha família não tem uma vida extraordinária. Para se chegar a um conhecimento deste nível é preciso estar-se numa posição de vantagem, é preciso conhecer os feitos em vida de cada um aquando da sua morte.

Acabei de escrever as notas fúnebres para um jovem da minha família e, pelo que se devia esperar, era que este tivesse uma vida extraordinária. Até teria, não fosse o vício que adquiri de adicionar à sua a minha vontade de aventura desta fase da vida. A verdade é que parece que as coisas são somente assim. Escrevo demais tristezas e recordações de mortos que já me falha imaginação de viver. Escreve-se para um amigo, para um primo, um antigo colega das redacções dos jornais e até de algum magnata sem idade, que em toda a vida escondeu a velhice nos milhões roubados.

A vida deste familiar nada tinha de relevante para o olhar dos outros. Sem filhos, sem dignidade. E percebi o quanto morrer com este sobrenome não tem paixão, só lugares para os demais. As melhores notas são de gente com mais filhos, a contagem dos filhos facilita na despedida - que é mais amarga. A mim facilita na escrita; durante a elaboração do documento dá-me prazer adicionar coisas à vida dos falecidos. São aventuras que julgo nunca poderem ter tido, ou por falta de coragem ou de um brutal desinteresse pela vida.

Quando faleceu a minha mãe há 15 anos, escrevi o melhor elogio de

todos. A contagem dos filhos e netos foi de uma enorme ovação no acto de leitura. Estou sempre a reescrever o seu elogio fúnebre, quando nasce algum neto ou bisneto e adiciono à contagem os ensinamentos que ela teria para cada um dos netos e para os filhos. Os seus ensinamentos eram fáceis de prever, são todos baseados nas suas frustrações em vida.

Estou sempre a pensar em como escrevia as notas fúnebres do esposo da minha irmã mais nova. O tipo é uma marionete idiota da administração de Luanda e o que escrevo mentalmente para ele é um atestado truculento da estupidez humana. A minha irmã julga que o ama. Nunca se ama uma besta, teme-se. Nunca me entende ela.

Um outro elogio que escrevi com prazer foi o de um nacionalista e amigo que foi fuzilado por um destacamento de guerrilheiros do MPLA por altura do fraccionismo armado. Da sua ida a Argel peguei notas interessantes para criar o retrato de um revolucionário e de um anarquista contraditório. E adicionei as mulheres comunistas com quem ele dormiu nestes anos. A família não aceitou a leitura das minhas notas.

- Nosso irmão não é uma figura sacrílega. Diziam-me numa nota que também atestava que eu estava proibido de ir ao enterro. Foi uma amargura vê-lo partir. Conformámo-nos todos, continuei por essa ala, embora escrevesse cartas anónimas para os jornais comu-





*Se eu não tivesse os olhos com baixo alcance jurava ter visto a minha imagem, aos vinte anos, misturado com a maciez do olhar de Samanta.*



nistas franceses sobre as atrocidades da guerra. Até certa altura, o anonimato das minhas cartas foi perdendo a força e comecei, verdadeiramente, a rezear a morte - ou melhor: a perseguição, que é uma forma de morte ainda mais forte. Mas passaram-se os anos e ainda estou aqui, sem o que dizer sobre mim.

Quando tiverem de escrever o meu elogio não disfarcem a miséria de não ter filhos para contagem com as citações do excelente jornalista que fui. Sei disso, sabem disso os outros. Reportei os últimos anos da luta colonial, cobri a guerra, cobri a paz, cobri o crescimento económico, fui enviado especial em vinte e cinco países, entrevistei o Papa na passagem que teve pelo país e por pouco pude dar de cara com Osama Bin Laden. Apesar disto, quando me obrigo a pensar na minha vida, nas minhas memórias, é a Samanta que encontro. Ela viria a mostrar-me, mais tarde, que não é à morte que devemos temer, mas sim outra coisa.

Em 1997, com a chegada da princesa Diana, a elite angolana organizou-se para celebrar o reconhecimento internacional dos seus ricos. Celebravam o passe livre que tinham eles para beber o vinho mais caro sem a desconfiança de serem chamados de assimilados em busca de aprovação ou a licença de poderem ter também uma casa de campo em Bordéus ou Newmarket.

Uma sublime e delirante noite foi estrelada por uma estranha energia juvenil dessa classe já decadente. O Hotel Serena, que parecia sempre um outro lugar de Luanda, tinha sido fechado para o restante dos solicitantes. A noite toda vivi com a impressão de estarem a antecipar o purgatório, mas era obrigado a encontrar nele o espanto. Registei os momentos e de tempos em tempos puxava alguém para uma breve declaração. Os mecanismos da minha profissão ensinaram-me a usar as palavras certas para se roubar a atenção e as respostas



Rua de Luanda

correspondentes às perguntas que despertavam neles a sensação de estar aí alguém como eles. À sexta entrevista calhou-me uma mulher, calada num entediamento brutal, a olhar. Reparou-me do instante em que dispensava o último entrevistado, seguiu-me o olhar até ela. Olhos luminosos, uma pele transparente no tom da luz do salão e um colar prateado a descer o peito descoberto.

Passadas as apresentações e vulgares questões, do qual as respostas desvendavam uma mulher deslocada do lugar e desolada de si, mas ao mesmo tempo sem ser isto, estando muito consciente dos seus desejos.

A certa altura perguntei-lhe sem saber que resposta obter:

- O que se espera daqui para a frente?  
- Não se pergunta isto enquanto se para o tempo!

Da resposta, aconteceu que fui acometido por um grave sentimento de que nada aconteceria. Estávamos presos. Não haveria o fim da guerra, não haveria o novo milénio e não haveria a esperança. Estávamos presos naquele final de século. Puxou-me o rosto com as mãos quentes:

- A sua intenção é descongelar o tempo?

- Julgo não a ter compreendido. - Respondi, depois de uma expressão atónita.

- Está a fazer perguntas sem sentido sobre o futuro. Julgo que tem guardado para si a vontade de salvar este mundo.

- Não, não guardo isto.

- É o que se depreende das suas perguntas.

- Não percebo. Mas receio que não tenha compreendido que estamos todos por esta causa.

- Não é uma causa, é uma impressão.

- Está a dizer que a presença da princesa é apenas uma impressão?

- Não a princesa, nós. Tudo!

Começava a enjoar; julguei serem horas de ir-me embora. Desci os degraus do Serena numa excitação de voltar lá

dentro. O homem da recepção fez um gesto enérgico de despedida.

A noite tinha uma textura velha, o ar suave. Parei perguntando-me como saía dali a seis quilómetros de casa.

Senti a mão suave de uma mulher no ombro. É a Samanta, falou-me pela primeira vez o seu nome.

- Devo tê-lo aborrecido.

- Tudo que este país precisa é acabar com a praga da guerra. E somos gratos se vem o fim das minas. Perdi um amigo por elas. Não sabe o que custa ver o tempo parado nesta situação.

- Tenho uma compensação para si.

Levou-me ao carro. Viajámos por duas horas de silêncio profundo. O caminho dava para sul e o automóvel andava a uma velocidade desportiva.

- Tudo o que disse há pouco é uma heresia.

- Está certo! Enterramos o assunto?, quero mostrar-lhe outra heresia do nosso tempo.

Paramos no que se tinha anunciado ser o futuro polo turístico de Luanda. Eu mesmo o tinha noticiado há algum tempo enquanto o interior mergulhava noutra espécie de realidade. Alguns hotéis já estavam a erguer-se, nada muito elaborado, eram simples mas de uma beleza incomum. Samanta dobrou-se para mim e anunciou que podíamos entrar num dos quartos feitos de madeira pendurados sobre umas hastes. O quarto era menor, mas suficiente para dois, tinha algumas molduras sem quadros. O cenário dava a entender que ela preparara o sítio para este acontecimento. Enquanto ela percorria lentamente em ajustar o abajur, pendurei-me sobre a janela, afastei o cortinado e diante de mim tinha o mar de uma calma noturna, as árvores pareciam brilhar sobre o escuro e um ar fresco. Voltei-me a observá-la com certo medo do que se estava a passar sem o meu controle, sem o meu pensamento, sem a previsão e sem compreender a razão daquilo tudo.

O quarto tinha já a cama organizada no breve instante em que estive a olhar para fora. Deixou ela sobre a cómoda algumas garrafas de um vinho francês. Saiu da suíte alguns minutos mais tarde. Revelou-se uma mulher viva, talvez fosse do verniz brilhante com que me estendeu os dedos a convite de acompanhá-la numa dança qualquer, sob o silêncio. Não, sob o som levíssimo do vento ou da agitação delicada das árvores. Sorri para mim e encostou seu corpo ao meu. O resto que se seguiu naquela noite está guardado comigo.

Na manhã seguinte levantei-me com a sensação de viver um anacronismo. Tinha acabado de criar um passado, de que viria a recordar, numa cidade do futuro. Nesse ponto adquiri o medo pelos anacronismos, porque, simplesmente, aquilo me pareceu errado. Vivi os dias a seguir sem perceber tudo aquilo, numa espécie de culpa e autocomiseração pelo facto de perder a oportunidade de voltar a vê-la... Samanta tinha saído do país. E os anos seguintes vivi sem lembrar nem pensar nisso.

Agora que vejo a minha vida parece cheia de anacronismo. Talvez devessem escrever nos meus elogios fúnebres sobre o modo como os tentei vencer a vida toda. Hoje sei que aquele é o devido lugar onde devessem voltar para se referir a mim. Porque mais tarde, precisamente vinte anos depois daquele episódio marcante e fora do seu devido tempo, vi andar pelas ruas de Luanda, num Mercedes preto, um rapaz. Se eu não tivesse os olhos com baixo alcance jurava ter visto a minha imagem, aos vinte anos, misturado com a maciez do olhar de Samanta.

E a julgar pelo que se preza no fim da vida, estava feita uma nota fúnebre digna.

*Luamba Muinga nasceu em Luanda, na última década do século XX.*

*Tem formação em Comunicação Social. É repórter de arte, especializado nas artes visuais, e crítico de arte. Algumas vezes escreve sobre teatro e pesquisa sobre políticas públicas para cultura.*

*A sua produção artística passa pela prosa, poesia e artes visuais com enfoque no vídeo-arte e na colagem digital, trabalhando com imagens de arquivo para discutir questões contemporâneas.*

*Em 2018 dirigiu o documentário "Capitães Vulneráveis - A vida de crianças em situação de rua", no âmbito da primeira mostra de audiovisuais da Universidade Agostinho Neto.*

*É cofundador da revista eletrónica Palavra&Arte e actualmente coordena a Iniciativa Privada — Comunicação e Conteúdos, marca criativa de comunicação.*